



VIDA SUSTENTÁVEL: REFLEXÕES NECESSÁRIAS

SUSTAINABLE LIFE: NECESSARY REFLECTIONS

Úrsula Rosa da Silva - Professora Titular da Universidade Federal de Pelotas, atuando nesta universidade desde 1995. Possui Licenciatura Plena em Filosofia pela Universidade de Caxias do Sul (1988), mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1992), Doutorado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2002) e Doutorado em Educação (UFPEL/2009).

RESUMO

O artigo apresenta reflexões sobre o conceito de sustentabilidade tendo como referências autores como Guattari, Ailton Krenak e Boaventura Santos. A partir do que se considera sustentável se aponta para a responsabilidade das instituições de ensino com proposições que garantam a implementação de ações voltadas para os objetivos do desenvolvimento sustentável (ODS).

Palavras-chave: sustentabilidade; desenvolvimento sustentável; qualidade de vida.

ABSTRACT

The article presents reflections on the concept of sustainability having as references authors such as Guattari, Ailton Krenak and Boaventura Santos. From what is considered sustainable, the responsibility of educational institutions is pointed out with propositions that guarantee the implementation of actions aimed at the objectives of sustainable development (OSD).

Keywords: sustainability; sustainable development; quality of life.

Tem sido lugar comum apontar a pandemia como ponto divisor de águas nas nossas práticas sociais, econômicas, educacionais, culturais, em nossas relações pessoais e de vida, por tudo que o planeta foi levado a passar nestes últimos dois anos, desde 2020. É inegável que esta experiência afetou a todos e modificou nosso modo de perceber muitas coisas. E esta percepção nos tem levado a refletir em nossas responsabilidades futuras para com o planeta e para com a alteridade, as pessoas que estão ao nosso redor, bem como o papel de instituições, como as universidades públicas, na realização desta missão de pensar um modo sustentável de vida.

As reflexões aqui foram atravessadas e potencializadas pelos recentes acontecimentos mundiais, como disse Boaventura Santos (2020), existe uma “pedagogia do vírus”, então precisamos aprender com ela, mas também por questões anteriores que já afetavam o nosso planeta

e somente com o advento da pandemia elas realmente vieram à tona.

Em 1989, na obra “Três Ecologias”, Félix Guattari apontava uma grande indignação com nosso comportamento e nosso modo de vida, que estavam levando a um movimento de implosão da relação dos seres com sua exterioridade (social, cósmica, entre os seres). E, mesmo que a temática dos riscos ao meio ambiente já fossem existente, eles eram tratados apenas no âmbito de danos industriais, esquecendo as relações sociais e a subjetividade humana. Para Guattari,

O que está em questão é a maneira de viver daqui em diante sobre esse planeta, no contexto da aceleração das mutações técnico-científicas e do considerável crescimento demográfico. Em função do contínuo desenvolvimento do trabalho maquinico redobrado pela revolução informática, as forças produtivas vão tornar disponível uma quantidade cada vez maior do tempo de atividade humana potencial. Mas com que finalidade? A do desemprego, da marginalidade opressiva, da solidão, da ociosidade, da angústia, da neurose, ou a da cultura, da criação, da pesquisa, da re-invenção do meio ambiente, do enriquecimento dos modos de vida e de sensibilidade? No Terceiro Mundo, como no mundo desenvolvido, são blocos inteiros da subjetividade coletiva que se afundam ou se encarquilham em arcaísmos, como é o caso, por exemplo, da assustadora exacerbação dos fenômenos de integrismo religioso (1990, p. 8-9).

Ele já nos indicava, em 1989, uma grande crise, para além da crise econômica, social ou humana: a crise ecológica. E esta crise só poderia ser tratada em escala mundial, fazendo uma verdadeira revolução cultural, social e política que deveria envolver a reorientação dos “objetivos da produção de bens materiais e imateriais” (1990, p.9). Esta proposta de Guattari faz parte de uma ecossófia que vê a necessidade de articular o meio ambiente, as relações sociais e a subjetividade humana para conseguir fazer esta transformação.

Mais recentemente, autores, tomados pelos acontecimentos da pandemia do Covid-19, têm apresentado mais enfaticamente a urgência de darmos respostas efetivas em nossas ações, de modo a rever e reverter todo o dano que tem sido feito ao planeta e ao nosso cotidiano, a crise climática. As queimadas; os alagamentos; o aumento da emissão de carbono; a elevação da temperatura dos oceanos; os degelos das calotas; os desastres naturais; os furacões; o lixo presente em ilhas desertas e sendo consumido pelos seres dos mares; as alterações do nível dos oceanos já são temas diários.

Ailton Krenak, em isolamento na sua aldeia, produziu alguns textos como “O Amanhã não Está à Venda” (2020), em que trata da pandemia e sublinha as afirmações que vem fazendo há anos.

Vivemos hoje esta experiência de isolamento social, como está sendo definido o confinamento, em que todas as pessoas têm que se recolher. Se durante um tempo éramos nós, os povos indígenas, que estávamos ameaçados da ruptura ou da extinção do sentido da nossa vida, hoje estamos todos diante da iminência de a Terra não suportar a nossa demanda. Assistimos a uma tragédia de gente morrendo em diferentes lugares do planeta. (...). Essa dor talvez ajude as pessoas a responder se somos de fato uma humanidade. Nós nos acostumamos com essa ideia, que foi naturalizada, mas ninguém mais presta atenção no verdadeiro sentido do que é ser humano (...). Estamos devastando o planeta, cavando um fosso gigante de desigualdade entre povos e sociedades. De modo que há uma subumanidade que vive numa grande miséria, sem chance de sair dela – e isso também foi naturalizado (2020, p. 5-6).

Esta afirmação nos leva ao sentido do que significa a vida sustentável. Krenak considera que nosso modo de vida é insustentável. No livro “Ideias para Adiar o Fim do Mundo”, ele pergunta se é possível pensar como sustentável um modo de vida, urbano e moderno, que é por essência “consumista, predatório, que polui e esquentando o planeta” (KRENAK, 2019).

Se pensarmos o significado do termo sustentabilidade, este traz em si relações importantes.

Sustentabilidade pressupõe a busca por equilíbrio entre os recursos naturais disponíveis e os modos como a sociedade pode explorá-los, e isso pressupõe preservar o meio ambiente, visando à qualidade de vida, as relações entre os seres e o futuro do planeta. Além das questões ambientais é preciso considerar as questões sociais destas relações.

O termo sustentabilidade surgiu a partir de debates, que ocorrem desde os anos 1970, a respeito do ambiente humano, em eventos da ONU (Organização das Nações Unidas) sobre o uso saudável e sustentável do planeta e de seus recursos. Depois o conceito de sustentabilidade foi retomado no relatório da Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, de 1987, conhecido como “Relatório de Brundtland” ou “Nosso Futuro Comum”. Neste relatório se define o desenvolvimento sustentável como sendo o “que satisfaz as necessidades presentes, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades.” E ainda relaciona as questões sociais e políticas necessárias de serem consideradas para a sustentabilidade, pois num mundo

Onde a pobreza e a desigualdade são endêmicas estará sempre propenso a crises ecológicas, entre outras... O desenvolvimento sustentável requer que as sociedades atendam às necessidades humanas tanto pelo aumento do potencial produtivo como pela garantia de oportunidades iguais para todos. Na sua essência, o desenvolvimento sustentável é um processo de mudança no qual a exploração dos recursos, o direcionamento dos investimentos, a orientação do desenvolvimento tecnológico e a mudança institucional estão em harmonia e reforçam o atual e futuro potencial para satisfazer as aspirações e necessidades humanas (Relatório Brundtland, Nosso Futuro Comum, 1987).

O conceito de sustentabilidade é assumido como referência para traçar metas e ações, oficialmente, em 2002, na Conferência conhecida como “Rio+10” ou “Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável”, que aconteceu em Johannesburgo, na África do Sul. Esse termo abrangia não somente a questão do desenvolvimento econômico, mas ainda envolvia as perspectivas ecológicas e sociais, reforçando e enfatizando a busca da igualdade social, já manifesto em 1987.

O tema da pobreza e da desigualdade social toma maior importância no advento da pandemia, pois foi um vírus que atingiu a todos, mas, além disso, agigantou as desigualdades e as crises econômico-sociais, dificultou o acesso aos itens básicos para viver, aumentou a violência nos lares. Boaventura Santos (2020) lembra os dramas de: refugiados; idosos sozinhos em casa; mulheres sofrendo violência doméstica; moradores de rua; famílias numerosas vivendo em pequenas peças; falta de saneamento básico. Situações que definem o que ele chama de “zonas de invisibilidade”.

Talvez agora, enfim, se tenha percebido que já havia uma crise de humanidade, e estávamos vivendo situações-limite antes, que, até agora, não nos tinha feito frear o mundo, como esta fez: nem o aquecimento global, que aumenta com os desmatamentos (outra ação desenfreada); a poluição do ar, das águas, plásticos que chegam aos oceanos e são comidos pelos animais. Enfim, o ritmo acelerado de produção de objetos, para o consumo da humanidade, parece que é mais importante que a própria vida, a qual não consegue, mesmo ameaçada, diminuir esta velocidade de produção e consumo ou buscar alternativas menos danosas à natureza. No embate entre a economia e a vida precisamos rever nossa prioridade.

Agora o mundo parou. E será que saberemos ouvir o leve pulsar do mundo, a pausa que a mãe Terra nos deu? Bom, depois de se pensar nos problemas, precisamos pensar que tem solução, como diz Ailton Kreinak: “o mundo está agora numa suspensão. E não sei se vamos sair dessa experiência da mesma maneira que entramos. É como um anzol nos puxando para a consciência. Um tranco para olharmos para o que realmente importa” (2020).

E o que realmente importa é a vida da humanidade, de todos os seres e do planeta. O que

significa viver de forma sustentável passa por rever modos de produção e de relações sociais, ecológicos, de empatia, solidariedade, de certa forma, lembrar o que é ser humano. Esta é uma análise crítica que também aponta Krenak: “este pacote chamado de humanidade vai sendo descolado de maneira absoluta desse organismo que é a Terra, vivendo numa abstração civilizatória que suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos (2020, p.8).

No caminho de pensar modificações necessárias ao desenvolvimento sustentável, um novo encontro de negociação mundial foi promovido pela Conferência das Nações Unidas, no Rio de Janeiro em 2012 (Rio+20), com discussões a respeito dos desafios ambientais, políticos e econômicos mais urgentes que nosso mundo enfrenta. É importante perceber que este evento, que ocorreu no Brasil, também foi importante para nosso país apontar seu interesse em abraçar o tema como prioridade nas pautas de políticas públicas naquele momento.

Após, em setembro de 2015, representantes dos 193 Estados-membros da ONU se reuniram em Nova York, na Cúpula das Nações Unidas sobre o desenvolvimento sustentável, e reconheceram que a erradicação da pobreza é o maior desafio global e um requisito indispensável para este desenvolvimento sustentável. Neste evento, assinaram o documento “Transformando o Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável”, comprometendo-se a tomar medidas transformadoras para promover o desenvolvimento sustentável nos seguintes quinze anos.

Assim chegamos à Agenda 2030, que é um plano de ação que envolve as pessoas, o planeta e como promover o desenvolvimento com sustentabilidade. Este plano indica dezessete Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) para erradicar a pobreza e promover vida digna para todos. Este é um plano para governos, sociedade, empresas, academia e para cada um de nós.

Os processos resultantes da Conferência Rio+20, a Agenda 2030 e os dezessete ODS, inauguraram uma nova fase para o desenvolvimento dos países, que busca integrar por completo todos os componentes do desenvolvimento sustentável e engajar todos os países na construção do futuro que queremos.

Os dezessete objetivos estão interligados, precisam ser considerados com um grupo de ações necessárias, em que uma está relacionada à outra, se mesclam, e envolvem três dimensões do desenvolvimento sustentável: a dimensão social, que se refere às necessidades humanas, tais como saúde, educação, qualidade de vida, justiça social; a dimensão ambiental, que trata da preservação do meio ambiente, com ações como evitar desmatamento, proteger as florestas e a biodiversidade; e a dimensão institucional, que são as entidades que precisam se envolver e colocar suas capacidades para por em práticas os ODS.

Olhando para nosso país, em um relatório divulgado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) no final de 2019, o Brasil aparecia como o sétimo país mais desigual do mundo. Estamos em 2022 e muitas instituições, especialmente as universidades públicas estão empenhadas em realizar e diagnosticar ações relativas à Agenda 2030. Há muito por fazer, muito por sensibilizar a cada um com sua responsabilidade com esta Agenda.

No caso da Universidade Federal de Pelotas, muitas ações vinculadas aos dezessete Objetivos do Desenvolvimento Sustentável são realizadas. Estamos num movimento, desde 2021, para fazer um diagnóstico mais específico para podermos ampliar nossas ações e articular, internamente, com outras instituições e com redes de atuação, projetos voltados ao tema da sustentabilidade.

No ano de 2021 participamos de encontros para debater sobre o Selo ODS para instituições de ensino, promovidos pela UnB. Este movimento motivou a necessidade de termos mais detalhes das ações da UFPel em termos dos dezessete ODS e foi feito um planejamento de atuação, tanto em levantamento de dados, quanto de grupos de discussão, organização de eventos para o ano

de 2022 e articulação com outras instituições de ensino.

Nesse sentido, como primeiro resultado deste movimento, chegamos ao diagnóstico inicial das ações realizadas pelas unidades acadêmicas e administrativas, por meio dos projetos e programas institucionais. Estes dados se configuram na tabela abaixo, atingindo mais de 2.500 ações.

Tabela 1 - Dados das ações de projetos da UFPel relativas aos 17 ODS



Fonte: Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREC), 2022

Na sequência das realizações da UFPel, em maio de 2022, participamos do I Seminário Internacional de Extensão, Pesquisa e Educação para a Sustentabilidade em Santa Maria, representados pela vice-reitoria e pela Pró-reitoria de Extensão e Cultura. Neste evento, houve o lançamento da Rede Gaúcha de Instituições para Educação Sustentável (REGIES) e do Observatório Gaúcho Agenda 2030, para os quais fomos convidados a fazer parte junto com mais oito instituições de ensino gaúchas, como Unipampa, UFFS, UFCSPA, UERGS, UFSM, IFFar, UFRGS, FURG, IFsul e Secretaria Municipal de Educação de Santa Maria. A Rede tem se reunido mensalmente para organização das ações em conjunto, criação de um site para divulgação das propostas de cada instituição participante e para pensar em formas de busca de fomento para projetos.

Em agosto de 2022, a UFPel realizou o Seminário: Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), um encontro para aproximar participantes de projetos voltados aos temas da sustentabilidade e da realização dos ODS. Foi uma ação mais voltada à comunidade interna para a troca de experiências e conhecimentos no tema. Outros encontros foram planejados como resultante dos diálogos neste evento.

A VIII edição da Semana Integrada de Inovação, Ensino, Pesquisa e Extensão, de 2022, teve como temática Encontro de Saberes: Pluriversidade e Meio Ambiente. A proposta articulou alguns assuntos que entendemos serem urgentes para a reflexão na universidade, tais como, a importância de refletirmos sobre as práticas sustentáveis para a vida neste mundo, especialmente após a pandemia do Covid-19, que nos mostrou o quanto precisamos de mais empatia, cuidado e solidariedade, entre as pessoas, e para com o planeta.

Além disso, a necessidade da valorização da diversidade cultural e dos saberes e fazeres populares, que possam ser reconhecidos e que inspirem alternativas para a economia criativa, fortalecendo todas as etnias e culturas. E, ainda, a adoção da concepção da pluriversidade, conceito de Boaventura de Souza Santos, em que “conhecimento pluriversitário promove os saberes ecológicos, plurais e contra-hegemônicos” (2015). Pensar a universidade e todas suas relações de conhecimento que valorizem a

diversidade cultural e epistemológica, especialmente, aprofundar as epistemologias do Sul e aproximá-las de nossos currículos.

O conceito de epistemologias do Sul vem de Boaventura Santos e está relacionado à necessidade de uma descolonização no conhecimento, à medida que a formação universitária envolve um universo de referências teóricas, metodológicas e pedagógicas, e estas, em geral, tem tradicionalmente se baseado em bases eurocêntricas. O que Boaventura defende é que se considere como conhecimento também aquele nascido das lutas sociais e das experiências de povos que estão sempre à margem, ou de culturas que não são valorizadas por culturas dominantes do Norte global. Ligada à ideia que deu origem ao movimento das ODS, as questões da pobreza e da desigualdade social são a prioridade da Agenda 2030, Boaventura afirma que a mudança epistemológica envolve a justiça cognitiva global (2019).

A questão da sustentabilidade precisa estar articulada ao conhecimento e a formas de implementação de novas práticas, em alternativas inovadoras, na educação, nas políticas sociais, na economia. Em especial, é importante que as instituições de ensino vejam, da responsabilidade social, do compromisso com a realização dos ODS. O objetivo da educação de qualidade pode ser o catalisador dos demais objetivos do desenvolvimento sustentável.

Que possamos estar dedicados a melhorar as relações sociais, diminuir as desigualdades em cada ato cotidiano, pensar o futuro do planeta, buscar o equilíbrio ecológico, respeitar todos os seres e realmente fazer a transformação de que fala Guattari.

REFERÊNCIAS

BOAS, Alex Villas. **Epistemologias Sul-Sul: do mar que nos separa às pontes que nos unem**. [S. l.]: PUCPress, 2019.

CHAVES, Pedro Jônatas. **Didática, decolonialidade e epistemologias do sul: uma proposta insurgente contra a neoliberalização do ensino escolar e universitário**. [S. l.]: Editora CVR, 2021.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1990.

KREINAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. [S. l.]: Companhia das Letras, 2019.

KREINAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. [S. l.]: Companhia das Letras, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo: A afirmação das epistemologias do Sul**. Editora Autêntica, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa [entrevista]. Da universidade à pluriversidade: reflexões sobre o presente e o futuro do ensino superior. **Revista Lusófona**, n.31, 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Universidade no Século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade**. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/bss/documentos>. Acesso em: 21 abr. 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (orgs). **Epistemologias do Sul**. [S. l.]: Cortez Editora, 2017.

Links e sites sobre Sustentabilidade e ODS:

<https://www.estrategiaods.org.br/sobre-a-estrategia/>

<https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/about-us.html>

<https://odsbrasil.gov.br/>

<https://www.youtube.com/watch?v=UstZmNURYBc>

<https://www.estrategiaods.org.br/midia/videos/>

<https://dssbr.ensp.fiocruz.br/agenda-2030/o-que-e-agenda-2030/#:~:text=A%20Agenda%202030%20%C3%A9%20um,dentro%20dos%20limites%20do%20planeta.>

<https://siepes.iffarroupilha.edu.br/programa%C3%A7%C3%A3o>

Data de recebimento: 02/10/22

Data de aceite para publicação: 29/11/22